

LABORATÓRIOS NA ÁREA DE ENSINO DE LÍNGUAS

Laboratories in the Area of Language Teaching

*José Carlos Paes de Almeida Filho**

RESUMO: O imaginário do laboratório como local de experimentação e invenções acrescentou um sentido novo a esse lugar de nascimento do conhecimento quando o Ensino de Línguas deu a essa palavra o sentido de local de prática de produção automatizadora de uma nova língua nos anos 60 e 70 do século anterior. A realidade metodológica estrutural audiolingual com sua ênfase oral na forma sistêmica rotinizadora para atender princípios psicológicos da superaprendizagem deu as condições necessárias para a invenção do laboratório de línguas que consolidou o nome laboratório associado ao ensino e aprendizagem de idiomas. Passados quase cinquenta anos da introdução do laboratório de línguas, qual o cenário de sentidos de um laboratório para os dias de hoje? Para explorar o arco de sentidos que foram organicamente se condensando na área de Ensino de Línguas e para avaliar os sentidos de lugar e práticas condizentes de um laboratório, sete significados foram reconhecidos na prática contemporânea para que alunos de graduação em Letras (Linguagem), futuros professores e pesquisadores, e mestres já atuando na prática pudessem avaliar as possibilidades de se criar ou manter um laboratório justificável associado ao ensino de línguas.

Palavras-chave: Laboratório de línguas; Estruturalismo e ensino de línguas; Aprendizagem de línguas; Lugares de aprendizagem de línguas.

ABSTRACT: *The stereotype of the laboratory as a place of experimentation and invention has added a new sense to that birthplace of knowledge when, in the 60's and 70's of the previous century, Language Teaching imbued the word as a place for mechanically producing a new language. . The reality of audiolingual structural methods with their oral emphasis on routine learning based on psychological principles provided the necessary conditions for the invention of the language laboratory and for strengthening the association of the term lab as associated with the learning and teaching of languages. Nearly fifty years later, we can now ask what meanings are associated with a language lab and which concepts are most important for our times and challenges. This article seeks to explore the potential of the many meanings that have become associated with the area of Language Teaching and evaluate the sense of place and modes of practice. Teachers undergoing certification, practicing teachers and aspiring researchers will be able to evaluate the possibilities of creating and maintaining a language learning lab.*

* Doutor em Linguística pela Universidade de Georgetown, Washington, DC, Estados Unidos da América; Mestre em Educação em Língua Estrangeira pela Universidade de Manchester, Inglaterra; Professor da Universidade de Brasília – UnB; Programas de Graduação em Letras, Distrito Federal, Brasil. E-mail: jcpaesalmeidafilho@gmail.com

Keywords: *Language laboratory (lab); Structuralism and language teaching; Language learning; Language learning places.*

1 Alguns pressupostos

A área de Aquisição e Ensino de Línguas, filiada por sua natureza à Linguística Aplicada no sentido de área aplicada da grande área da Linguagem, constitui-se pela sua prática como um ofício ou profissão tão antiga quanto respeitável, realizando o trabalho de partejar o nascimento de novas línguas naqueles que buscam profissionais para ajudá-los a aprender a circular ou viver em outras línguas, assim como uma disciplina firmada em teoria relevante que ela mesma produz, que a situa e sustenta. Na prática em que muitos de nós atuamos, portanto, como professores de línguas em salas de aula, laboratórios e outros lugares de aprender, existem também professores a atuar como pesquisadores, muitos deles em laboratórios. O termo *área* é genérico e poderia equivaler a *campo de estudos*, mas servem-nos melhor, por nossa ambição valorizadora do excelente trabalho realizado na longeva profissão de ensinar línguas (há historiografia que lhe atribua 50 séculos), as palavras *disciplina* ou até *ciência* em contextos mais contemporâneos. O seu objeto central, como quero enfatizar, indica uma dualidade de compromissos: primeiro com o campo profissional de uma prática que é sempre trabalho, que já foi ofício e hoje ascende ao nível de profissão com carreira e direitos trabalhistas e, segundo, com o campo teórico ou área acadêmica do Ensino e Aprendizagem de Línguas (EALin) que sustenta a prática profissional e o incremento de suas bases formais para o exercício da profissão e para a formação de novas gerações de praticantes profissionais

Os componentes dessa disciplina aplicada da grande área da Linguagem são, portanto, o ensino, a aquisição e/ou aprendizagem de uma língua e a formação de agentes para atuar no processo de aprender línguas apoiado em instrução embasada. Esse trabalho ou atividade ocorre muito frequentemente nas escolas, universidades, centros federais ou estaduais da formação tecnológica e escolas de idiomas, mas não é incomum que pessoas se dediquem em voos solo a aprender idiomas desejados ou necessários. A competência dos alunos brasileiros em línguas reconhecida por sua

capacidade real de desempenhar ações nelas não tem sido bem avaliada nos últimos anos, o que nos faz pensar que essa área estratégica da educação, cultura, ciência e negócios está em cheque e anseia por inovação que depende, pelo menos em parte, de laboratórios em mais de um sentido. Quais os sentidos válidos do termo laboratório hoje? Quais os sentidos de um laboratório para o ensino contemporâneo de línguas? É isso exatamente o que pretendo explorar neste artigo¹. Não se trata ainda de um artigo experimental com dados empíricos sobre trabalho específico de ensino de línguas num laboratório, mas uma preparação de terreno para tal eventualidade.

Concorrem para a qualidade da área de Ensino de Línguas, para além da (1) tradição informal e de (2) teoria relevante formalizada, (3) a vigência de políticas de ensino de idiomas (informal/implícita, institucional ou editada pelas instituições e governos), (4) um conhecimento da história do ensino de línguas no país e no mundo (incluindo a da formação), e (5) a implementação de um código de ética profissional.

Parto do pressuposto de que as ações dos professores e aprendentes de línguas podem ser explicadas por uma *abordagem* (ou filosofia) com ideias sobre língua, aprender e ensinar idiomas, incluindo cinco competências capacitadoras dos professores e alunos que não vamos expandir neste momento (ALMEIDA FILHO, 1993; 2013). As visões de aquisição e ensino de línguas são disputadas por duas abordagens mais frequentes e autóctones: a *gramatical* (organizando todo processo pela forma sistêmica) ou a *comunicacional* (organizando o processo pelos sentidos a serem obtidos em interação). O componente formativo é disputado também por duas abordagens mais frequentes: a *treinadora* e a *reflexiva*. A primeira seleciona aspectos desejáveis dos métodos disponíveis e constrói um aglomerado eclético treinável. A segunda situa o professor como ele está e passa a pensar com critérios alternativos de desenvolvimento a partir daí.

Os processos envolvidos são o dos professores buscando apoiar aprendentes a desenvolver uma dada competência linguístico-comunicativa na nova língua pretendida e o dos formandos (iniciais ou permanentes) buscando intensificar a construção da profissionalidade e do melhor aproveitamento dos esforços por aprender. As questões

¹ O roteiro inicial para este artigo foi uma palestra proferida pelo autor na abertura do evento comemorativo dos 40 anos de trabalhos do Laboratório de Línguas da Universidade Estadual de Londrina em 2014. O Laboratório hoje funciona como um Centro de Línguas.

importantes neste artigo foram, primeiro, explorar as maneiras de conceber as ideias de laboratório para essa área e, depois, como o laboratório pode auxiliar ou mobilizar as ações previstas para o funcionamento da área prática e acadêmica ao mesmo tempo. Estava até agora implícito, portanto, que qualquer trabalho num laboratório estará sempre orientado por uma dada abordagem ou filosofia de ensinar língua(s). É ela, em síntese, a força que marcará a natureza do trabalho num laboratório, seja ele em que sentido do termo for.

2 O laboratório como lugar de aprender e de ensinar Línguas

Depois de planejar e fazer materiais, os professores partem para experiências na língua-alvo que ajudem a aprender. E aí chegamos aos *lugares e ações* de aprendizagem, a esfera do método e das experiências com o intuito de aprender, foco deste trabalho. Estamos a tratar da sala de aula primordialmente, mas também de outros lugares que permitam viver experiência propiciadoras de chances de aquisição da nova língua. A sala de aula é o lugar de aprendizagem por excelência por se dar nele a maior parte da instrução de língua sob condições profissionais. A aula é o grande evento produzido nesse grande lugar- a sala de aulas. Proponho examinar neste texto, então, dentre os espaços de aprendizagem, o laboratório em particular.

Há ainda que se considerar as extensões da aula e os outros lugares de aprender e ensinar línguas além da sala de aula. As extensões incluem a lição de casa, o trabalho individual ou em grupo, os contatos com pessoas falantes de outras línguas, as viagens, o auto ensino, as atividades AD e o *estudo no laboratório*. O laboratório de línguas é hoje um verdadeiro traço caracterizador da área de Ensino de Línguas detendo um lugar certo no imaginário dos profissionais, alunos de línguas e terceiros agentes. A história do laboratório de línguas mostra uma representação única dentre as disciplinas ou componentes curriculares Cf. ROBY, 2004). Eu o concebo hoje como sala especialmente mobiliada, equipada (com máquinas municiadas por *softwares* especiais) e decorada sob medida para se estudar, praticar e vivenciar de modo intensivo (dirigido e autônomo) a língua que está posta para ser aprendida/adquirida. (ver Glossário de Linguística Aplicada, 2016). O laboratório é um atributo importante que deve permanecer associado ao ensino de línguas, ainda que ressignificado conforme veremos mais adiante.

O público em geral associa invariavelmente o ensino e a aprendizagem de línguas com trabalho efetivo num laboratório de idiomas. Essa é uma herança positiva dos áureos tempos do método gramatical estrutural audiolingual dos anos 60 e 70 do século anterior. Nesse laboratório concebido em época de grandes certezas sobre o ensino de línguas e galvanizada por recursos eletrônicos da época os aprendizes praticavam língua principalmente por meio de exercícios rotinizadores. Eram pontos da estrutura sintática e da pronúncia os que mais sobressaíam nas sessões de automatização de aspectos linguísticos da língua-alvo contextualizados em diálogos demonstrativos das formas gramaticais e do vocabulário incidente nas situações.

Quando a abordagem comunicativa foi sendo introduzida como uma quebra de paradigma no final dos anos 70 em alguns poucos centros no sudeste e sul do Brasil, houve pouco tempo para os centros binacionais e universidades adaptarem os exercícios sobre funções comunicativas ao trabalho no laboratório. A sala especial de práticas de corte estrutural audiolingual foi perdendo força ao mesmo tempo que as inovações comunicativas recolheram o seu ímpeto nas décadas seguintes reduzindo-o a exercícios orais dos livros didáticos e práticas laboratoriais estruturais na base com aparência comunicativa propiciada por temas socioculturais, das outras disciplinas escolares, da afetividade, exploradores de fotos e imagens, calcados em situações dialógicas ou de desempenho de papéis. A esse período pós-estrutural dos anos 80 em diante tenho me referido metodologicamente como *gramatical comunicativizado* pela permanência do desejo comunicacional em matriz gramatical na essência. As séries didáticas mundiais de maior prestígio atestam esse modelo hibridizado conforme podemos ler na análise arguta de ALMEIDA (2012).

Sandra Savignon, uma das pioneiras e grandes autoras do ensino comunicativo de línguas, em seu artigo Ensino Comunicativo: um Estado da Arte (SAVIGNON, 1991) oferece uma visão do aprendiz de língua como um parceiro de aprendizagem por meio da sua intensa participação em eventos comunicativos. Metodólogos comunicacionais desse período (passados já vinte anos do surgimento do movimento comunicacional) aconselham o aprendiz a assumir riscos comunicativos na interação e a tentar desenvolver estratégias de aprendizagem. A tradição de ensino automatizador por habilidades do audiolingualismo que já vinha dos anos 50 passou a ser desafiada a

reconfigurar um laboratório que não se esgotasse na mecanização de padrões. A abstração dos estudos gerativo-transformacionais em Linguística contribuíram, ainda na visão da autora, também contribuiu para “que se negligenciasse o contexto social na pesquisa sobre o ensino e a aquisição de línguas prejudicando a compreensão e aceitação da competência comunicativa como objetivo para aprendentes.

3 O laboratório como extensão da sala de aula

Embora a sala de aulas seja o grande e mais visível lugar de aprendizagem num programa de instrução para a aquisição de novas línguas, é preciso reconhecer que a sala de aula possui muitas outras potenciais *extensões*. Outros lugares de aprender línguas depois que a aula se encerra são as casas dos aprendizes, os veículos de transporte da e para a escola, lugares ao ar livre, bibliotecas, rede internet de comunicação, excursões a campos de aprendizagem (chácaras ambientadas, por exemplo), salas ambiente e de vivências, além de viagens físicas ao exterior a países falantes da língua-alvo. O laboratório de línguas é lugar institucional dos mais importantes e na escola, centro ou universidade ele representa um ambiente propício à demonstração, análise de fatos linguístico-comunicativos e de prática e uso da língua-alvo.

O laboratório oferece um leque de possibilidades de ação aprendedora na sua função auxiliar e motivacional do ensino e da autoinstrução conforme veremos na Fig. 1 a seguir.

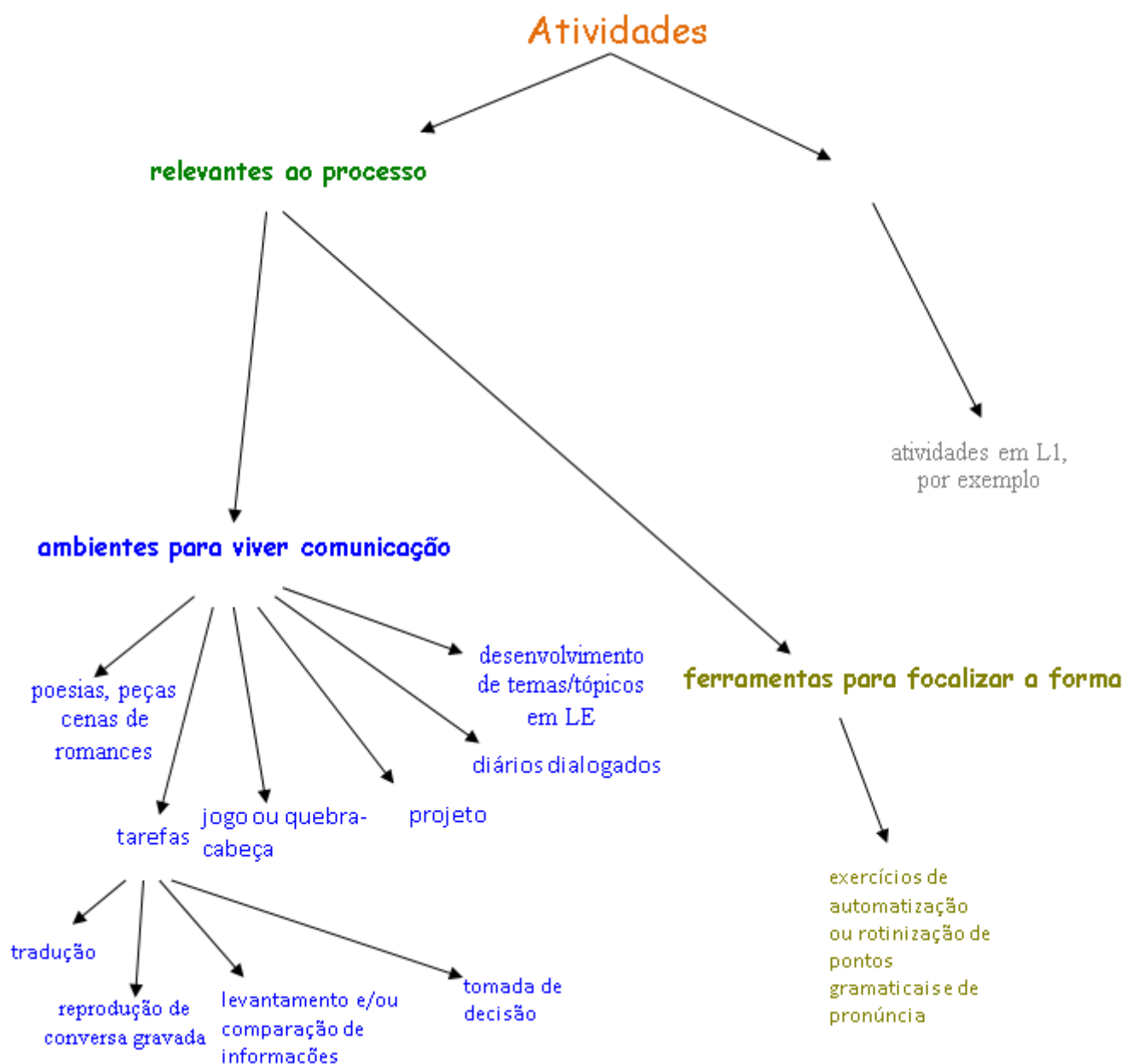


Figura 1: Potencial de atividades no laboratório

Fonte: Adaptado de ALMEIDA FILHO, J. C. P.; BARBIRATO, R. C. Ambientes Comunicativos para aprender Língua Estrangeira. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas: Editora da Unicamp, (vol.36): 23-42, Jul./Dez. 2000.

O laboratório retém um papel importante na consolidação de aspectos da forma da língua expressos na categoria “ferramentas para focalizar a forma” e participa de modo relevante nas atividades planejadas para permitir vivências da comunicação ou interações discursivas. Essas atividades são, em geral, apoiadas na oferta variada de

insumo (amostras significativas da língua em uso) que pode ser obtido uma ou múltiplas vezes no laboratório conforme as necessidades de cada aprendiz.

Vale destacar que o aspecto treinador associado ao trabalho realizado num laboratório que faz o papel de suporte do ensino visando à aprendizagem e à aquisição de uma língua não precisa ser visto como exclusivo ou prioritário no laboratório de língua de hoje. Essas funções podem ser mantidas com discrição na instrução da língua no entendimento teórico de que a consciência de um item linguístico e do seu funcionamento aliados à disponibilidade rápida dessas formas no momento da comunicação podem trazer maior segurança e rendimento na produção contextualizada do idioma. No laboratório básico não-estrutural ou audiolingual o professor utilizará também a sala equipada com funções demonstrativas ou dissecadoras de elementos como os da oralidade retirados do meio social interpessoal ou mediado por media digital, por exemplo. Essa função demonstrativa em meio interativo com os aprendentes traz realismo para a descrição e pode anteceder esforço automatizador discreto, justificado, preparando os aprendizes para o uso interativo da língua que é objetivo central no processo de aprendizagem e, portanto, no instrucional.

4 O laboratório de pesquisas

Há outros sentidos a serem associados ao termo “laboratório” além dos dois primeiros já discutidos na seção anterior e que indiciam (1) lugar de prática fixadora do que se aprendeu em sala de modo focal, e (2) local de estudo ou demonstrações focados em pontos diversos de ensino nem sempre relacionados à forma da língua.

Aqui vou expandir para um outro significado importante de laboratório como (3) lugar de registro e circulação de projetos de pesquisa nas universidades, e (4) como local adequado à seleção de registros de observação para análise, ou preparação desses registros como material escolhido para análise posterior, e (5) local de produção, análise e guarda de materiais e dados. No sentido (3) prevê-se o desenvolvimento e a interação de projetos individuais ou de grupos e a síntese metateórica deles.

Além dos sentidos expostos de um local para uso e prática automatizadora de uma língua que se aprende e de lugar para realizar pesquisa aplicada sobre processos de ensinar e de aprender línguas, quero ainda reconhecer o sentido de (6) uma sala de

conexões digitais AD tanto para o ensino quanto para a pesquisa. Nesse último sentido, o laboratório se apresenta como sala especialmente equipada com aparelhos e *softwares* condizentes, para se proceder ao ensino e à pesquisa aplicada sobre os processos de aprendizagem, ensino e formação de agentes, para a guarda de dados e para a formação de novos pesquisadores da área acadêmica e profissional. Este último sentido é o praticado no Laboratório de Linguística Aplicada criado ao abrigo do Programa de Linguística Aplicada da Universidade de Brasília em 2008.

Há ainda um derradeiro sentido às vezes agregado à denominação “laboratório” (7) associado à pesquisa de um grupo sobre um dado tema e que não é central na perspectiva do professor e do aprendiz de línguas. Nesse sentido um pouco distante da sala municiada de aparelhos e aplicativos de software para o avanço da competência comunicativa numa nova língua estamos a tratar, na verdade, de uma sala para instalação privativa de projetos pessoais, ou de atividades de pesquisa de um docente investigador com seus colaboradores para além de seu gabinete individual ou compartilhado.

5 Propostas de reorganização

Para além dos tipos de laboratório explorados conceitualmente na seção anterior, temos ainda propostas diferentes a tratar. Cogita-se em reuniões das áreas para a recomposição do currículo escolar, muitas delas no âmbito do Ministério da Educação, sobre um *laboratório de linguagens* compartilhado na escola (média, principalmente) por outros componentes curriculares como a Educação Física, as Artes e o Ensino de Línguas (materna e estrangeiras). Isto pode um dia se materializar, mas não constitui hoje uma realidade ou objetivos do cotidiano dos professores do aglomerado Área de Linguagens concebido pelo Ministério da Educação em gestões recentes entre 2012 e 2015.

Há também a ideia promissora do **novo laboratório** de corte básico que toda escola pode e deveria possuir: uma sala especial para focalizar sistematicamente aspectos do estudo e do ensino das línguas. Esses laboratórios, dotados de pouco maquinário, poderiam oferecer maiores e melhores condições de aprendizagem de línguas se comparadas ao sistema tradicional de salas comuns, muitas vezes

desconfortáveis e pouco propícias ao aprendizado de línguas por sua disposição de mobiliário, exposição a ruídos externos e desprovidas de acústica adequada. O laboratório básico ou universal expande na própria escola a extensão das salas de aula. Ele pode integrar o método em uso permitindo um número maior de atividades do curso, outras interações entre professores e alunos, o uso de TICs e multimodalidade contando, eventualmente, com softwares de incentivo e aperfeiçoamento da produção e capacidade de compreensão da oralidade, principalmente. Os laboratórios básicos de idiomas sem cabines dotadas cada uma de maquinário em grande número permitem a experiência intensiva na língua-alvo numa espécie de imersão temporária, a atenção à diversidade de insumos, o fomento ao trabalho em grupo, à demonstração e explicação de fenômenos da nova língua dissecados pela professora ou pelo professor, entre outros. Isso tem o poder de promover um ensino de línguas mais dinâmico, interativo e motivador a baixo custo operacional.

Levando-se em conta o alto custo dos laboratórios estruturalistas dotados de cabines individuais, uma outra forma prática de se ter um Laboratório de Línguas seria a utilização partilhada de um laboratório de informática já instalado na escola. Existem no mercado *softwares* para PC que possuem grande parte das funcionalidades de uma cabine individual isolada. Para o funcionamento do programa, basta que o computador possua entrada para fone de ouvido e microfone.

O laboratório tradicional conceitualmente ampliado tem locus preferencial nas universidades ou faculdades e pode ainda ser concebido como um centro ou escola de extensão criada em torno de uma sala contendo máquinas e cabines convencionais para prática intensiva de língua. Criam-se salas de ensino adicionais às dos cursos de catálogo nas universidades na extensão, e uma nova e paralela estrutura administrativa se institui. Nesse caso, é preciso atuar com intento para imprimir uma marca de ensino de qualidade combinado com experimentação e oportunidades de estágio para futuros professores que justifique a sua instalação e funcionamento no interior de uma universidade. O ensino de línguas nas universidades não pode ser convencional e, de acordo com a natureza dessa instituição, deve ser marcado pela pesquisa aplicada e intento de aperfeiçoamento constante. Centros de línguas podem surgir ao redor de laboratórios expandidos e demandar condições específicas de funcionamento (prédios

próprios, corpo docente específico e independente, carreiras docentes novas que não valorizam somente mestrados e doutorados relevantes).

Todo laboratório instalado em universidade, para cumprir mais plenamente suas funções e justificar sua existência precisa constituir-se como um *locus* de *experimentação e estágio*, um *locus* de pesquisa sobre o ensino de línguas regular e de extensão para a inovação no tratamento das quatro materialidades do ensino de línguas (planos curricular e de curso, materiais de ensino, ensino propriamente dito e avaliação).

Uma *política* precisa ser definida para garantir a dedicação do laboratório aos seus múltiplos sentidos discutidos neste trabalho. Um Plano Geral, talvez decenal, pode ser indispensável para avaliar realizações discernidas e projetar providências de futuro escalonadas a longo, médio e curto prazos. O plano precisa incluir forçosamente a pesquisa no ensino em contexto universitário (que já se coloca como problemática específica) e no ensino de modo extensionista para depois convidar um parecer externo de especialista ou autor reconhecido cuja análise possa ajudar a agudizar os acertos e justificar um ensino de línguas inovador no ambiente da própria universidade e das escolas em geral.

Fica indicado que as muitas facetas do termo laboratório possuem valores relativos nos diferentes contextos de ensino de línguas, seja nas escolas, seja nas universidades ou faculdades tecnológicas. Nas escolas o sentido de um laboratório básico ou universal de línguas vai ser uma providência fundamental, mas não se descartam aí também as iniciativas de observação, experimentação controlada e análises dessa observação registrada. É preciso renovar nossa determinação de que só podemos seguir inovando nas instituições se houver auto avaliação seguida de pareceres externos exarados por membros externos convidados. Fica subentendido que uma política setorial específica para os laboratórios de línguas não é dispensável em hipótese alguma. Por exemplo, os coordenadores ou supervisores de laboratórios e centros de línguas construídos ao seu redor podem animar os seus professores a prosseguir em sua formação continuada e propor que cada qual rascunhe seu próprio projeto exploratório de observação com duração de 1 ano e meio, com meio semestre em seguida para avaliar resultados e publicizá-los num pequeno evento de corte prático-acadêmico

aberto a todos da instituição e a membros externos, se assim decidido, ao se constatar que haverá qualidade nas comunicações.

Cumpra também seguir provisionando para se compor uma política de laboratórios com experimentação e oportunidades de formação continuada. Os membros da equipe associada ao laboratório podem experimentar novos materiais produzidos na instituição a partir de uma unidade modelo aprovada por consenso, estabelecer ou aceitar níveis de desempenho a serem observados em avaliações conduzidas no Laboratório, introduzir exames de colocação por níveis e de proficiência com parceiros no país, inovar com a abertura de cursos novos em experiências piloto avaliadas.

Em torno do funcionamento do laboratório podemos manter o firme propósito de seguir inovando, melhorar a oferta de ambientes potencialmente ricos para aquisição de línguas, e sempre que possível, aproximar boas práticas de teoria relevante que as fundamente, difundindo os resultados e formando alunos aprendizes mais recompensados pelo seu esforço. O laboratório é parte inalienável do conceito contemporâneo de aprender e ensinar línguas, mas é forçoso conhecer os sentidos com que vamos explorá-lo em nossas instituições mediante programas especiais e política deliberada que engrandeça aprendizes e seus professores.

Referências

ALMEIDA, V. P. de *Conhecendo as regras do jogo: a competência comunicativa e os manuais didáticos de ensino de inglês como língua estrangeira*. Brasília: Universidade de Brasília, 2012 (Tese de Doutorado).

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Quatro Estações no Ensino de Línguas*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

_____. *Glossário Digital de Linguística Aplicada: Área de Ensino de Línguas*. Campinas: Pontes Editores (no prelo).

_____. *Laboratórios de línguas ressignificados*. Página do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada/UnB, Brasília. Disponível em: < www.pgla.unb.br > Acessado em: 17/05/2016.

CRUZ, J. B. da. *Laboratórios*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2009. 104p. (ISBN: 978-85-230-0977-9)

SAVIGNON, S. J. Communicative Language Teaching: State of the Art. *TESOL Quarterly*, vol. 25, No. 2. (Summer, 1991), p.261-277.

ROBY, W. B. Technology in the service of foreign language teaching: The case of the language laboratory. In: D. Jonassen (Org.) *Handbook of Research on Educational Communications and Technology*. 2nd ed. 2004. p. 523-541. Disponível em: <<http://www.aect.org/edtech/19.pdf>>. Acessado em: 05/08/2016.

SENNESE, R. U.; BRITTO-FILHO, A. (Orgs.) *Inovações Tecnológicas no Brasil: Desempenho, Políticas e Potencial*. São Paulo: Ed. Cesar/FAPESP, 2011.

Recebido em: 04/07/2016

Aceito em: 28/07/2016